



† A palavra “Arquetípico” não deve ser tomada aqui no sentido que os platônicos lhe deram, ou seja, o mundo tal como existia *na Mente* da Divindade; mas no sentido de um mundo feito como um primeiro modelo, a ser seguido e aperfeiçoado pelos mundos que o sucedem fisicamente — embora deteriorando-se em pureza.

‡ Estes são os quatro planos inferiores da Consciência Cósmica, sendo os três planos superiores inacessíveis ao intelecto humano tal como se encontra desenvolvido atualmente. Os sete estados da consciência humana pertencem a uma questão totalmente diferente.

\*\*\*\*\*

**[De *A Doutrina Secreta* I, ed. original de 1888, pp. 267-268]**

Assim prosseguem os ciclos da evolução septenária, na natureza septenária: a espiritual ou divina; a psíquica ou semidivina; a intelectual, a passional, a instintiva ou *cognitiva*; a semicorpórea e a puramente material ou física. Todos eles evoluem e progridem ciclicamente, passando de um para outro, de forma dupla, centrífuga e centrípeta, *um* em sua essência última, *sete* em seus aspectos. O mais baixo, é claro, é aquele que depende e está subordinado aos nossos cinco sentidos físicos.<sup>[1]</sup> Até aqui, para a vida individual, humana, sensível, animal e vegetal, cada uma sendo o microcosmo de seu macrocosmo superior. O mesmo se aplica ao Universo, que se manifesta periodicamente, para fins do progresso coletivo das incontáveis *vidas*, as exalações da *Vida Única*; para que, através do *Sempre-Vindo a Ser*, cada átomo cósmico neste Universo infinito, passando do informe e do intangível, através das naturezas mistas do semi-terrestre, até a matéria em plena geração, e depois de volta novamente, reascenda a cada novo período mais alto e mais próximo do objetivo final; que cada átomo, dizemos, *possa alcançar, através de méritos e esforços* individuais, aquele plano onde se torna novamente o TODO incondicionado. Mas entre o Alfa e o Ômega existe a cansativa “Estrada” cercada por espinhos, que “desce primeiro, depois —

sobe a colina por todo o caminho

Sim, até o fim...”.

Começando a longa jornada imaculada; descendo cada vez mais na matéria pecaminosa e tendo-se conectado com cada átomo no *Espaço* manifestado — o *Peregrino*, tendo lutado e sofrido em todas as formas de vida e de ser, está apenas no fundo do vale da matéria e na metade de seu ciclo, quando se identifica com a Humanidade coletiva. Isso, *ele fez à sua própria imagem*. Para progredir para cima e para casa, o “Deus” tem agora que subir o caminho cansativo do Gólgota da Vida. É o martírio da existência autoconsciente. Como Visvakarman, ele tem que se sacrificar *a si mesmo* para redimir todas as criaturas, para ressuscitar das muitas para a *Vida Única*. Então ele ascende ao céu, onde, mergulhado no incompreensível Ser absoluto e na Bem-aventurança do Paranirvana, ele reina incondicionalmente, e de onde ele descerá novamente na próxima “vinda”, que uma parte da humanidade espera em seu sentido literal como a *segunda vinda*, e a outra como o último “Kalki Avatar”.

\*\*\*\*\*

[H.P. Blavatsky, De *A Doutrina Secreta II*, ed. original de 1888, p. 261]

A doutrina oculta é, em nossa opinião, mais lógica. Ela ensina uma lei cíclica e imutável na natureza, que não tem nenhum “desígnio especial” pessoal, mas age segundo um plano uniforme que prevalece durante todo o período manvântico e trata o verme da terra da mesma forma que trata o homem. Nem um nem outro procuraram existir, portanto ambos estão sob a mesma lei evolutiva e ambos têm que progredir de acordo com a lei cármica.

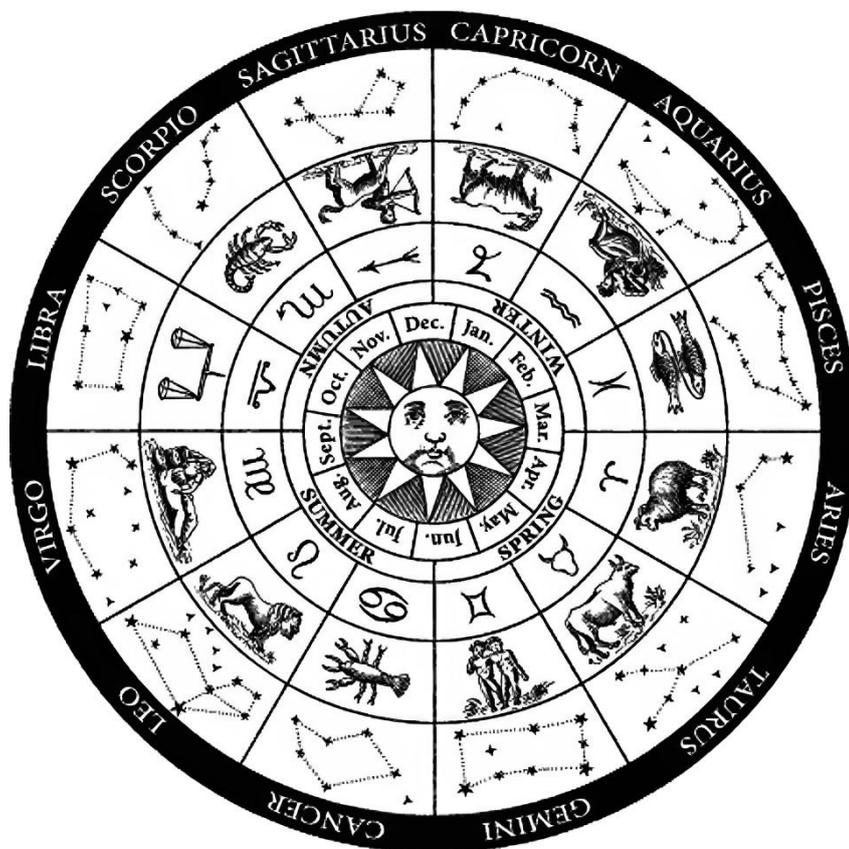
Ambos partiram do mesmo centro neutro da Vida e ambos têm que se fundir novamente nele na consumação do ciclo. Não se nega que, na Ronda anterior, o homem *era uma* criatura gigantesca semelhante a um macaco; e quando dizemos “homem”, talvez devêssemos dizer, o molde rudimentar que estava se desenvolvendo para uso do homem nesta Ronda apenas — cujo ponto médio, ou de transição, mal alcançamos.

O homem também não era o que é agora durante as duas primeiras raças-raízes e meia. Esse ponto ele alcançou, como já foi dito, apenas há 18 milhões de anos, durante o período secundário, como afirmamos.

Até então, ele era, de acordo com a tradição e os ensinamentos ocultos, “um deus na Terra que havia caído na matéria” ou na geração. Isso pode ou não ser aceito, uma vez que a Doutrina Secreta não se impõe como um dogma infalível; e uma vez que, sejam aceitos ou rejeitados seus registros pré-históricos, isso não tem nada a ver com a questão do homem *real* e sua natureza interior, já que a Queda mencionada acima não deixou nenhum pecado original na Humanidade. Mas tudo isso já foi suficientemente tratado.

Além disso, somos ensinados que as transformações pelas quais o homem passou no arco descendente — que é centrífugo para o espírito e centrípeto para a matéria — e aquelas pelas quais ele se prepara para passar, doravante, em seu caminho ascendente, que inverterá a direção das duas forças — ou seja, a matéria se tornará centrífuga e o espírito centrípeto — que todas essas transformações *estão reservadas também para o macaco antroipoide*, todos aqueles, de qualquer forma, que alcançaram o estágio próximo ao homem nesta Ronda — e todos eles serão homens na Quinta Ronda, assim como os homens atuais habitaram formas semelhantes a macacos na Terceira Ronda, a Ronda anterior.

[De “O Zodíaco”, *Theosophical Astrology* [*Astrologia Teosófica*], pp. 5-8]



Tem sido sugerido que os signos do zodíaco simbolizam e analisam as fases dos ciclos e os estágios evolutivos que eles abrangem. Isso pode ser visto em muitas observações correlativas feitas por várias culturas, como a coincidência da lua cheia em Virgem com as novas colheitas. Os signos têm características que podem ser simbolicamente relacionadas à natureza dos ciclos ou estágios. É instigante considerar que “a órbita do sol através das doze divisões corresponde a doze graus ou estágios na ação do princípio ativo sobre o passivo”. Na tradição hindu, há muito tempo existe uma correspondência exata entre os signos do zodíaco e os ciclos cósmicos dos *Avatares*, enquanto na tradição judaica as características dos signos podem ser reconhecidas nas palavras de Jacó moribundo aos seus filhos, quando lhes indicou o futuro de cada uma das doze tribos.

Os signos do zodíaco são ideogramas e hieróglifos com número, cor e tom. O seu número é significativo pela sua posição ordinal na série, bem como pela sua posição fatorial, indicando esta última se é cardinal, fixo ou mutável, propriedades que, por sua vez, podem estar relacionadas com outras trindades, tais como Brahma, Vishnu e Shiva, as três gunas, e conceitos como conhecimento, devoção e sacrifício. Estes podem ser vistos como aspectos da consciência que se expressam através de certos signos ou como símbolos de fases da vida humana. O tropical Áries corresponde ao recém-nascido que vê o mundo subjetivamente em termos do seu próprio ser. Touro sugere uma crescente consciência do mundo em relação a si mesmo, enquanto Gêmeos se relaciona com o brincar e o desenvolvimento da capacidade de articular o conhecimento recém-descoberto. Câncer, ligado à lua, simboliza a adolescência e a turbulência

emocional, seguido por Leão, onde o indivíduo tenta se sustentar com as próprias pernas e afirmar seu próprio senso de identidade. Este signo caracteriza uma certa exuberância que pode causar dificuldades, mas Virgem, com sua disposição para aprender e servir, marca uma fase corretiva de amadurecimento. Libra, simbolizando o equilíbrio, corresponde a encontrar o seu lugar no esquema das coisas, enquanto Escorpião sugere uma direção criativa para as energias e uma consumação frutífera, Sagitário uma vontade constante de melhorar e Capricórnio, a realização prática com base em ideais reconhecidos. Seguem-se Aquário, onde é possível uma compreensão imparcial das coisas, que pode levar o indivíduo a uma expressão pisciana do significado último ou, se o potencial aquariano for mal compreendido, a uma expressão inversa de reenvolvimento emocional e sua sugestão de futilidade.

No *Abhidhammatha Sangha*, os doze *Nidanas*, as causas da existência sensível expostas nos ensinamentos budistas, estão ligados aos doze signos do zodíaco. Sua divisão em dois sextos lembra a maneira como Patanjali distingue a individualidade da personalidade. Aqui, Áries está relacionado com *avidya* ou a ignorância e a não cognição responsáveis pelo nascimento. Touro está relacionado com *samskara*, as condições cármicas de vidas anteriores, enquanto Gêmeos corresponde a *vijñana*, ou autoconsciência egóica. Em seguida vem Câncer, relacionado a *namarupa*, ou nome e forma, Leão a *sadayatanam* ou os seis sentidos, e Virgem a *sparsa*, o contato com o mundo exterior. Esses seis primeiros, relacionados à personalidade, são seguidos pelos seis segundos relacionados à individualidade. Libra corresponde a *vedana* ou percepção e sensação, enquanto Escorpião se relaciona com *trishna*, sede ou desejo, e Sagitário está conectado com *upadana*, apego. Capricórnio está relacionado com *bhava*, o devir, Aquário com *jati*, o nascimento, e Peixes com *jara marana*, a decadência e a morte. Os dois últimos são especialmente significativos em relação à potencialidade da libertação da alma da Ronda da vida e da morte e têm implicações diretas para o futuro. Os dois primeiros estão relacionados com o passado, enquanto os do meio marcam as condições e possibilidades do presente. Essas correlações temporais lembram o relato de Platão sobre as Moiras, as deusas do passado, presente e futuro que impõem o destino através do “Ciclo da Necessidade”, garantindo eternamente a reencarnação de toda a vida que ainda não está totalmente iluminada. Nessa poderosa metáfora, Platão descreve a alma quando ela primeiro escolhe descer para uma personalidade e depois se envolve em esquecimento, enquanto as forças das três deusas a levam em direção ao seu destino.

#### CONTEMPLAM O INÍCIO DA VIDA SENTIENTE SEM FORMA

A quietude das profundezas dá origem ao Um, seguido pelo Sete, que é Três e Quatro, cujos múltiplos são Doze. A hierarquia dos Poderes Criativos é dividida em sete aspectos esotéricos dentro das doze grandes Ordens que estão registradas nos doze signos do zodíaco. Na antiga tradição etrusca, isso era conhecido como a divisão de Doze Milênios para os atos da criação, que foram então atribuídos aos doze signos do zodíaco. *A Doutrina Secreta* descreve o grupo hierárquico mais elevado como composto pelas Chamas Divinas ou “Leões de Fogo” escondidos no signo de Leão. Este é o núcleo do mundo divino superior. Dessa chama surgem os três grupos descendentes. Na tradição hindu, diz-se que as Doze Grandes Transformações do espírito em matéria ocorrem durante as quatro grandes eras do primeiro *Mahayuga*. Este é o significado oculto do axioma cabalístico: o dodecaedro está oculto no cubo perfeito.

Essas magníficas concepções são sintetizadas no símbolo do zodíaco, que cobre, com suas vestes pictóricas, os mistérios mais arcanos da vida manifestada. Escondidas dentro dos signos

estão as pistas para a compreensão gradual de como o universo evoluiu a partir da matéria pré-existente, como ele é parte de uma série infinita e como “a eternidade é apontada em grandes ciclos”. Os primeiros seis signos envolvem uma materialização constante, os segundos seis um refinamento gradual, seguido por uma grande retração de toda a vida. O zodíaco simboliza, assim, um ciclo cósmico completo de evolução e dissolução.

[1] Que são, na verdade, *sete*, como mostrado mais adiante, com base na autoridade dos mais antigos *Upanishads*.